

O Mundo sem Nós *

Como a dança pode influenciar o curso das coisas...

Comunicação integrada na Conferência Nacional de Educação Artística,
Porto, 29 a 31 de Outubro de 2007.

Oradora: Madalena Victorino

Nos anos 70, saí de Lisboa com 18 anos e fui estudar dança contemporânea para Inglaterra. Aí, fiquei definitivamente interessada pela ligação entre as artes, a educação e o futuro das sociedades.

Nos anos 80, quando cheguei a Portugal como artista independente, comecei a trabalhar na experimentação deste triângulo, no norte, no sul, no interior das cidades. Nessa altura, todos me perguntavam o que fazia e o que era a dança contemporânea. Eu respondia. Dizia-lhes que se tratava de uma dança humana que celebra o corpo e a energia que dele emana, como sinais da sua condição.

Quem trabalha o corpo tem a possibilidade de estar mais perto de si próprio e, por isso, também mais perto dos outros. O olhar que lançamos sobre a vida e os seus enigmas é-nos dado em grande parte pelo corpo e pela informação e conhecimento que este nos oferece. Podemos ver com os nossos ossos, os nossos músculos, o nosso peso. Os conhecedores do corpo sentem os movimentos dos outros com mais facilidade. Lêem a sua linguagem não verbal, reconhecem o tempo sobre o corpo, a sua expressão múltipla e a sua condição. O corpo não mente, diz Martha Graham.

Darmo-nos à vida com o corpo atento, vivo e disponível, parece alimentar uma sensibilidade cinética, metamórfica, multicolor, que existe em nós e que é só preciso aprofundar. Curiosamente, são as crianças que melhor sabem do corpo e da sua energia.

A defesa para a inclusão da dança na educação e no desenvolvimento humano é óbvia, tendo em conta este legado. A propósito deste saber corporal, há um texto de Federico Fellini no qual confessa existir um filme que lamentava não ter feito e que era praticamente impossível realizar:

“(...) uma história com umas trinta e duas crianças de dois, três anos, a viverem num casario na periferia da cidade. Atraem-me as misteriosas comunicações telepáticas entre as crianças, os olhares que trocam entre si no encontro pelas escadas ou nos patamares, quando estão atrás de uma porta ou dentro de um berço ou agarradas pela mão como se fossem um molho de hortaliças. (...)”

“(...) a criança chega à escola numa idade em que os confins entre a imaginação e a realidade, o mundo da consciência, que está apenas no início, e todo um espaço mais amplo de contornos mais esfumados, do irracional, do sonho, da comunicação profunda, são confins muito ténues, separados por uma membrana ainda finíssima que conserva uma respiração porosa em que se verificam permutas, osmose, infiltrações repentinas. Esta espécie de estado de graça que depois desaparece rapidamente com os anos, em vez de ser reconhecida e de ser protegida como uma coisa preciosa, um depósito valioso de conhecimento, de dilatação das capacidades vitais, é programaticamente ignorada pela escola. A criança é olhada com suspeita, com desconfiança, se for interferir com aquela ordem convencional em que deve ser encaixada. Ninguém tem culpa, faz parte da preguiça mental, da indolência, das incapacidades que em geral pomos nos problemas da educação, a distração de fundo que nutrimos para com o mundo da infância, convencidos, como estamos, de que a criança é toda um erro que urge corrigir. Enquanto, pelo contrário, se trata de uma personagem, quando muito estranha, insólita, que dispõe de meios ainda rudimentares mas intactos para se pôr em contacto com a realidade e que, como os elementos da natureza, conserva conhecimentos que nós já perdemos, sabe muitíssimas coisas por nós esquecidas, talvez apagadas (...).

“Se tivesse um filho, procuraria antes do mais ser eu mesmo a aprender com ele.”

Nos anos 90, vários fenómenos interessantes no dinamismo e realidade cultural do país, vêm alterar a panorâmica da dança portuguesa.

1º. – Surge a “nova dança portuguesa”.

Um grupo muito curioso de portugueses, uns mais jovens, outros menos, viajando entre Portugal e vários países da Europa, Estados Unidos e Oriente, começa a criar e a produzir um corpo de trabalhos surpreendente. A dança como “franja” e actividade artística experimental surge em Portugal, pela primeira vez, com artistas cheios de uma personalidade criativa própria que inscrevem no “deserto” português uma geografia de peças coreográficas, algumas enraizadas em aspectos da cultura portuguesa, outras a apontar para questões de cruzamento entre a dança e a sociedade do século XX.

2º. – Surge a dança em contexto académico.

As universidades e os institutos politécnicos passam a oferecer bacharelatos e licenciaturas. A dança como teoria aparece e a curiosidade intelectual pela matéria vasta e fascinante que atravessa as linguagens do corpo pelo mundo e através dos tempos, culturas e civilizações desenvolve-se e dissemina-se entre vários grupos: jornalistas, ensaístas, cursos, debates em volta de espectáculos. As livrarias passam a ter uma prateleira meia cheia com livros de e sobre a dança. A dança como pedagogia, a dança e as outras artes, a dança e o currículo, são outros campos de exploração que desenham os primeiros contornos como campos de estudo, pesquisa e prática.

Urgia nessa altura aproveitar este “Géiser” da dança portuguesa, e prever e desenhar programas de fundo com estratégias para disseminar a força da dança que os artistas que nesse momento viviam em Portugal propunham. Talvez assim, o poder da dança, das artes como conhecimento próprio, objectivo e racional pudesse ganhar o seu terreno. Pôr este potencial em parceria e co-relação com os restantes saberes já instituídos no seio dos

curricula dos cursos, na distribuição programática dos teatros e equipamentos culturais com programas de intervenção que ajudassem à implementação e sedimentação desta nova medida. Uma medida política e cultural que apoiasse os artistas e as suas visões no encontro com as comunidades: grupos escolares e público em geral. Nada disto aconteceu. António Coutinho, imunologista português, fala-nos de uma outra relação possível, entre o conhecimento científico e o conhecimento artístico que têm fortes pontos em comum. Diz-nos que ambos são espaços de racionalidade complementar onde a hipótese, a partilha e a tolerância são vistas como um ganho e não uma perda. O debate e a pesquisa sem certezas absolutas fomentam o questionamento e a dúvida que por sua vez abrem o conhecimento à discussão múltipla. Este cruzamento promotor de uma inteligência divergente, havia que ter sido feito.

Ao mesmo tempo, o ano 2000 traz-nos nem o “fim do mundo”, nem o “admirável mundo novo”, mas notícias muito alarmantes face ao estado do mundo. O aquecimento global, as catástrofes naturais múltiplas e inesperadas, o mundo em movimento oblíquo, os milhões de pessoas que emigram na procura de uma vida melhor, as travessias entre continentes em perigo de vida. A população em crescimento desmesurado. A desequilibrada distribuição da riqueza, a economia contemporânea e o seu desfalecimento democrático. O petróleo e a guerra. A ética sobre a preservação da nossa espécie torna-se uma matéria regida por leis de grandes interesses económicos.

Face a estes acontecimentos, numa revista de fim-de-semana, li que Alan Weisman, americano e analista das questões ambientais mundiais, estuda a hipótese de como o mundo reagiria se nós desaparecêssemos do planeta. O que descobriu é que a natureza resolveria tudo e bem. Seria só uma questão de tempo.

O que me intriga é que parece ser o Homem que está em sérias dificuldades pela visão e relação que tem com o mundo. A sua intervenção perigosa sobre o planeta demonstra uma sensibilidade menor da sua parte. O que pensar?

António Damásio, grande neurologista português, no seu livro *O Erro de Descartes*, vem dar-nos uma via alternativa que ajuda a superar os problemas que a condição humana nos coloca. Aponta **a arte** como uma forma de encontrar estímulos capazes de desencadear “um estado neurofisiológico de grande coerência e harmonia”. Aconselha-nos mesmo a não ceder ao desespero, pois se as nossas células mudam com a aprendizagem, poderemos um dia resolver todos os problemas.

Porque não conseguimos fazer um mundo de possibilidades à nossa volta? Sendo que o conhecimento profundo das questões do SER, a escavação sobre os enigmas da actualidade estão nas mãos das artes e das ciências, não devemos continuar de costas voltadas uns para os outros.

Ao olhar para trás lembro-me de uma máxima que os meus primeiros estudos em dança me ensinaram. Talvez seja melhor agir do que ficar enredado na esterilidade de determinado pensamento: “*don't think, do it*”, dizia-me na aula a minha professora Marion Gough.

Porque não criar projectos de intervenção que circulem pelas escolas, pelas universidades, pelos teatros, pelas autarquias? Porque não pôr as artes e o seu exercício na construção de programas que mudem a perspectiva mais individualista e materialista tão disseminada na nossa sociedade? Porque não contagiar as pessoas com a força das visões dos artistas, numa relação com as matérias mais problemáticas da actualidade? É preciso ajudar as escolas cheias de professores cansados e desesperados. É importante que se prepare bem o futuro dos alunos. É preciso combater a banalização e superficialidade com projectos poderosos que rasgam horizontes no caminho do entusiasmo e do conhecimento através da partilha e da diversidade. É preciso canalizar verbas de forma inteligente.

Malcolm Ross, em *The Arts, A Way of Knowing*, diz que as artes fazem o comum transformar-se no extraordinário.

É isso que é preciso compreender, para que o mundo não fique sem nós.